

## Experiências negras no Atlântico: relações raciais, de gênero e classe. Diálogos possíveis entre Norte e Sul (1900-1920)

Luara dos Santos Silva<sup>1</sup>

**Resumo:** O objetivo deste artigo é discutir as experiências de homens e mulheres negras nas cidades do Rio de Janeiro e de Nova York em fins do século XIX e primeiras décadas do XX. Procuro explorar as trajetórias dos intelectuais Coema Hemetério dos Santos, Hemetério José dos Santos, Jessie Redmon Fauset e Willian Edward Buchardt Du Bois, colocando em diálogo suas experiências. Apesar das fronteiras geográficas e nacionais, alguns elementos foram comuns a tais sujeitos: racialização, racismo, busca por cidadania e inclusão, domínio e uso massivo da cultura letrada – dentre outros. De diferentes maneiras e proporções, esses quatro intelectuais atuaram na literatura, no magistério, na música e nas artes em geral. Os periódicos produzidos em ambas as cidades nos possibilitam acessar os caminhos percorridos por esses homens e mulheres, descortinando redes de sociabilidade e nos permitindo problematizar as relações raciais, de gênero e de classe.

**Palavras-chave:** experiências negras no Atlântico; relações raciais, de gênero e classe; intelectuais negros.

## Black experiences in Atlantic: race, gender and class relations. Possible conversations between North and South (1900-1920)

**Abstract:** This paper aims to discuss about black men and women experiences in Rio de Janeiro and New York cities between XIX and XX centuries. For this proposal I will approach Edward Buchardt Du Bois life experiences. Even though the national and geographic boundaries there are some similarities that connect these experiences: racialization, racism, seek for inclusion and citizenship recognition, command and massive use of literate culture. From different ways and scale, these four intellectuals were involved with literature, musical and arts circles in general, and they also hold teaching positions. Analysing some newspapers and magazines from that time in both cities makes possible to know about their trajectories and sociability networks. It also allow us to discuss race relations, gender and social class questions.

**Keywords:** black experiences in the Atlantic; race, gender and class relations; black intellectuals.

---

<sup>1</sup> Doutaranda em História Social pelo Programa de Pós Graduação em História Social da Universidade Federal Fluminense (PPGH/UFF) Mestra em Relações Étnico-Raciais pelo Programa de Pós Graduação em Relações Étnico Raciais (PPRER/ CEFET-RJ). Professora de História da Educação Básica na Rede Pública de Ensino (RJ). Email: luarasantos.07@gmail.com



**Artigo recebido em:** 14/06/2019

**Artigo aprovado para publicação em:** 04/11/2019

### **Tecendo os fios para um diálogo entre Norte e Sul**

O que pode haver em comum entre as experiências de pessoas negras nas cidades de Nova York e do Rio de Janeiro entre fins do século XIX e primeiras décadas do XX? É possível de fato construir canais sólidos de diálogo entre essas duas realidades históricas? A primeira pergunta, aparentemente superficial, traz à tona discussões há muito levantadas por estudiosos que buscaram compreender e traçar paralelos entre o Brasil e os Estados Unidos. Por muitos anos, pesquisadores brasileiros e estadunidenses vêm estudando as relações raciais no Brasil e nos Estados Unidos, comparando as duas sociedades e discutindo as grandes diferenças entre elas. Os resultados desses estudos comumente encaminharam ao entendimento de que tais nações eram diametralmente opostas no que se refere às experiências de homens e mulheres negras. Nesse sentido, os canais de diálogo construídos apontaram tanto para uma oposição entre essas realidades quanto para o reforço de que no caso brasileiro as relações entre brancos e negros – durante o regime escravista e após o seu término – seriam sinônimos de “harmonia” e “ausência de conflitos”. Inclusive essa afirmação categórica de que a violência racial existiria apenas nos Estados Unidos, mas não aqui no Brasil, é um elemento forte da nossa própria nacionalidade.

Quando pensamos a respeito do que foi construído no período posterior ao fim do escravismo parece que o Brasil e os Estados Unidos nada têm em comum, visto que são consideráveis as diferenças entre os contextos. Primeiramente, os Estados Unidos da América aboliram o sistema escravista no ano de 1865 após uma longa e sangrenta guerra civil; o Brasil pôs fim ao mesmo regime vinte e três anos depois, em 13 de maio de 1888. Em segundo lugar, os estadunidenses vivenciaram o chamado “período da reconstrução” logo após o fim da escravidão.<sup>2</sup> No caso brasileiro não houve nenhuma política

---

<sup>2</sup> Conhecido como “Reconstrução Radical”, foi o período compreendido entre os anos de 1867 e 1876, imediatamente pós Guerra Civil, quando foi implementada uma série de intervenções políticas a fim de garantir, principalmente, os direitos da população negra na sociedade estadunidense. Uma dessas



governamental que guardasse similaridade ao ocorrido nos EUA. Já um terceiro aspecto, e talvez essa seja a diferença mais severa entre as duas nações: os afro-americanos enfrentaram um duro e violento sistema de segregação que, pautado em um conjunto de leis conhecidas como as leis do *Jim Crow*<sup>3</sup>, intencionalizava tratamentos discriminatórios e desiguais – dispensados aos negros. Essa política segregacionista teve efeitos concretos e muito duros nas vidas de homens e mulheres que, por conta de suas origens negras, tinham sua cidadania negada e mesmo suas vidas atacadas por violências simbólicas e físicas, como os linchamentos que ocorriam em praça pública.<sup>4</sup> Esse era um sistema racista poderoso e oficial que não encontrou algo similar no Brasil do mesmo período. Então, comparando as duas realidades, poderíamos afirmar que as relações raciais entre fins do século XIX e primeiras décadas do XX foram “harmônicas” no Brasil? Se apenas prestássemos atenção a esses três tópicos, certamente estaríamos inclinados a concordar que não havia racismo no Brasil nos tempos pós-emancipação, mas apenas nos Estados Unidos.

No entanto, se considerarmos que ambos os países tinham formas particulares de racialização cujo teor principal era a recusa à aceitação da cidadania plena daqueles que descendiam dos milhões de trabalhadores escravizados, não é difícil concordar que as histórias do Brasil e dos Estados Unidos tenham mais elementos em comum que possa parecer. Clare Courbold (2009) chama a atenção para as idéias científicas que tentaram explicar as diferenças entre as pessoas como uma condição racial no sentido biológico. A partir das teorias de Charles Darwin sobre a evolução da humanidade, tais idéias ajudaram a estruturar uma noção principalmente [aceitável] sobre inferioridade e superioridade entre pessoas em todo o mundo. Ideias que pareciam muito apropriadas para explicar e manter as desigualdades entre negros e brancos nos Estados Unidos, visto que:

Asserting the inferiority, even inhumanity, of black people meant that former slaves could be mistreated or be regarded as childlike, requiring care. (...)

---

intervenções foi a aprovação, em 1867, da lei que permitia o voto aos homens negros maiores de 21 anos. Ver mais em: <http://anphlac.fflch.usp.br/reconstrucao-radical-apresentacao>.

<sup>3</sup>Trata-se de um conjunto de leis locais e estaduais implementadas no Sul dos Estados Unidos, por volta de 1896, institucionalizando a segregação racial e, com isso, fortalecendo a supremacia branca.

<sup>4</sup>O sistema de segregação racial fomentou o ódio aos negros levando à ocorrência de muitos episódios de violência nos quais os homens negros, em especial, eram espancados até a morte. Uma das campanhas recorrentes da revista *The Crisis*, dirigida por Du Bois, era justamente contrária a essa violência.



From about 1880 for at least fifty years, American society was awash in stereotyped images of black Americans that depicted them as of a piece with benighted Africans.<sup>5</sup> (COURBOLD, 2009, pp.03-04)

À mesma época, muitos intelectuais brancos (ou que assim se identificavam) estavam também defendendo concepções sobre raça e inferioridade negra (sic) aqui no Brasil. A sociedade brasileira foi igualmente inundada por imagens estereotipadas acerca da população negra: caricaturas, textos e charges publicadas em revistas satíricas que animalizavam e ridicularizavam as características físicas e modos de falar associados aos homens e mulheres descendentes diretos daqueles que há bem pouco tempo viviam sob o peso da escravização. Para Almeida e Silva (2013), tais publicações expressavam como era indesejada a presença negra em círculos de prestígio e respeitabilidade social. Eles também chamam a atenção para a tradição humorística brasileira em representar homens e mulheres negros como pessoas menos favorecidas. Em uma abordagem afro-atlântica, Martha Abreu (2017, pp. 29-30) afirma que “na Europa e nas Américas os corpos negros e seus movimentos, ao longo do século XIX, passaram a ser interpretados pelos pseudocientistas segundo teorias racistas sobre sexo, gênero e cultura.”

Recuando na cronologia é possível ainda localizar canais de conversação entre Brasil e Estados Unidos em tempos de vigor do sistema escravista em ambas as sociedades. Isso porque as bases liberais, construídas a partir de perspectivas iluministas, que consideravam “todos os homens cidadãos livres e iguais” conjugavam tais bases à manutenção do sistema escravista, tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil em suas respectivas pós-independências. Em solo estadunidense, os principais líderes da Revolução Americana (1776) eram proprietários escravistas. O sistema escravista foi mantido nas colônias ao sul e as colônias ao norte se mantiveram enquanto sociedades “com escravos”, ainda que não fossem assentadas na escravidão. Os movimentos de cativos que, baseados nos ideais de “igualdade” e “liberdade” expressos constitucionalmente, foram à justiça buscar alforria da escravidão se deram tanto nos

---

<sup>5</sup>“Afirmar a inferioridade, e até mesmo a desumanidade, dos negros significava que os ex-escravos podiam ser maltratados ou considerados infantis, necessitando de cuidados. (...) Por volta de 1880, por pelo menos cinquenta anos, a sociedade americana estava repleta de imagens estereotipadas de americanos negros que os descreviam como uma peça de africanos ignorantes.”



Estados Unidos da América quanto no Império do Brasil (MATTOS, 2004, pp.08-09).  
Desse modo,

“(…) o conhecido dilema entre a assertiva de que todos os homens nasciam livres e iguais reconhecida pelo liberalismo e a manutenção da escravidão, sob a égide de Constituições liberais, não foi específico do Brasil de 1822, mas se desenrolou por toda Afro-América, inclusive nas colônias escravistas inglesas e francesas, no contexto das chamadas Revoluções Atlânticas (MATTOS, idem, pp.09-10).

Há que se considerar também os movimentos abolicionistas, suas particularidades e os intercâmbios de ideias e práticas entre ambas as sociedades. O descompasso cronológico entre o movimento abolicionista estadunidense e o brasileiro é um ponto que jamais deve ser desconsiderado. Por outro lado, os paralelos e diálogos entre ambos são aspectos que precisam ser problematizados, pois:

Abolicionistas estadunidenses e brasileiros mantiveram contatos e trocaram ideias sobre as estratégias que poderiam sensibilizar a sociedade pela emancipação dos escravos. A literatura, panfletos e discursos, além da formação de associações abolicionistas, eram instrumentos de divulgação e propaganda do movimento abolicionista. (...)

Sendo um debate internacional, havia um intercâmbio de ideias que fortaleciam o movimento em prol da abolição no continente americano, fazendo da liberdade dos descendentes de africanos uma causa bastante difundida. As ideias de liberdade que resultaram na abolição da escravidão para negros nos Estados Unidos e no Haiti foram referências internacionais, o que fez as ideias de abolição da escravidão não terem fronteiras (BRITO, 2009, pp.44-45).

Ainda de acordo com a historiadora Luciana Brito (idem, p.49), todo o desenrolar das leis emancipacionistas brasileiras era acompanhado de perto por autoridades diplomáticas que atuavam na cidade do Rio de Janeiro e do mesmo modo pela imprensa estadunidense. Neste último caso, eram fartas as notícias a respeito da gradual emancipação e da abolição final da escravidão que colocaria o Brasil no rol das “nações civilizadas”, “(…) num ambiente social harmonioso e sem conflitos raciais que ameaçassem o desenvolvimento e a boa imagem do país no exterior.”

Rio de Janeiro e Nova York, guardadas as devidas proporções e especificidades, experimentaram processos de intensa urbanização e transformações urbanas e sociais. Efervescência cultural, remodelamento urbano, modernidade e até mesmo processos



migratórios também tecem os fios dessa conversação entre experiências negras em ambas as cidades.

O diálogo entre as experiências dos quatro personagens deste artigo deixa explícito o quanto a raça foi um forte e potente elemento estruturador das relações sociais de Norte a Sul das Américas. Essa “conversa” entre sujeitos que diretamente nunca dialogaram entre si se converte em uma forma de problematizar os modos pelos quais homens e mulheres articularam caminhos na busca por direitos, inclusão e pela tão sonhada igualdade. Há consideráveis diferenças entre os quatro sujeitos históricos e os universos sociais dos quais fizeram parte, mas há também “problemas comuns” experimentados por eles ao longo de suas vidas (BRASIL, 2016, p.18). Esses “problemas comuns” são os elementos que nos permitem a tessitura de um diálogo afro-atlântico e diaspórico, empreendendo um esforço analítico que nos permita analisar tais experiências nas Américas pós-escravistas para além das fronteiras geográficas e nacionais (BUTLER, 2001).

### **Experiências negras ao Sul: Coema e Hemetério dos Santos**

Em 1875, desembarcava na cidade do Rio de Janeiro o jovem maranhense Hemetério José dos Santos, que aos dezessete anos buscava concluir os estudos e construir nova vida a partir de então. Deixando para trás um passado sobre o qual temos poucos fragmentos, Hemetério investiu tempo e dedicação em formação intelectual e em mobilizar uma rede de contatos que o permitisse se inserir na sociedade da então Corte Imperial. E assim o fez concluindo os estudos, tornando-se professor e casando-se em 1878 com Rufina Vaz Carvalho – com quem teve cinco filhos.<sup>6</sup> A primogênita, nascida em 20 de outubro de 1888, Coema, inaugura o “nome da família”, que a partir de então passou a ser “Hemetério dos Santos”. Figura bastante conhecida de seu tempo, o professor Hemetério dos Santos conquistou destaque tanto por seus conhecimentos acerca da

---

<sup>6</sup> Informações contidas na biografia do professor Hemetério José dos Santos, publicada pelo jornal *A Noite*, em 03 de agosto de 1939, pp.01-02.



Língua Portuguesa quanto por seus inúmeros artigos e cartas em ataque à discriminação racial.<sup>7</sup>

Enquanto homem residente à cidade do Rio de Janeiro – à época capital federal do regime republicano – estava plenamente conectado ao cosmopolitismo que tomava conta da cidade. Ele tinha plena consciência de que ser reconhecido como alguém importante passava por vários caminhos: autoridade intelectual e moral, rede de relações e as formas positivas de auto representação. Portanto, carregava consigo a veemência de seus argumentos e a solidez de seus conhecimentos, desfilando pelas ruas da cidade usando fraque, fumando charuto e algumas vezes portando uma bela cartola.



<sup>7</sup> Nascido em 1858 na província de Codó, no Maranhão, Hemetério dos Santos embarcou para o Rio de Janeiro aos 17 anos com o intuito de completar os estudos – iniciados sob o patrocínio do pai, um importante fazendeiro maranhense. Já por volta do ano de 1879, ministrava aulas particulares. Sua vida pública, assim como a produção intelectual, aparece nos principais periódicos da cidade de modo mais intenso entre os anos de 1890 e 1920. Sobre sua trajetória ver: SANTOS, Aderaldo Pereira. *A arma da educação: cultura política, cidadania e antirracismo nas experiências do professor Hemetério José dos Santos*. 2019. 429 f. Tese de Doutorado. Programa de Pós Graduação em Educação. Rio de Janeiro, 2019; SILVA, Luara dos Santos. 2015. 152 f. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico-Raciais (PPRER/CEFET-RJ). Rio de Janeiro, 2015. Ver também: MÜLLER, Maria Lúcia Rodrigues. *A cor da escola – imagens da Primeira República*, p.92. Cuiabá, MT: Entrelinhas/EdUFMT, 2008.

Figura1. Hemetério José dos Santos. Fonte: Acervo Digital da Biblioteca Nacional

Outros homens negros contemporâneos seguiam caminhos semelhantes, portando elementos de auto representação que os fizessem reconhecidos enquanto membros dos círculos letrados e “importantes” da cidade.<sup>8</sup> Em tempos de efervescência literária e cultural e de valorização da modernidade que pretendia transformar a cidade na “Paris dos trópicos”, os investimentos em respeitabilidade eram comuns aos homens do período, brancos e negros, membros de tais círculos.<sup>9</sup> Desde fins do século XIX até as primeiras décadas do século XX, as pessoas enfrentaram mudanças significativas no Rio de Janeiro: sua arquitetura estava sendo renovada, muitos edifícios foram destruídos e deram lugar a novas e modernas construções.

Muitos trabalhadores assalariados e informais, e demais habitantes pobres da cidade, foram forçados a se mudar para as favelas que se formavam ou para bairros muito distantes. Essa época ficou conhecida como a *Belle Époque* do Rio de Janeiro, uma época em que as autoridades e os intelectuais buscavam a construção de uma cidade “civilizada”, “moderna” e europeizada. E que também incluiu uma vida intelectual ativa. Homens de diferentes camadas sociais se organizavam em círculos literários, publicando artigos em jornais pequenos e famosos, buscando participar e intervir na sociedade e mesmo na elitista e excludente política oficial.<sup>10</sup>

Alguns anos após o fim do sistema escravista, havia um número considerável de homens negros que faziam parte desses “círculos letrados” escrevendo livros e artigos para jornais e revistas. Eles não estavam sozinhos nesses círculos, mas em companhia de suas famílias, que poderiam ser mestiças ou exclusivamente negras – como a família Hemetério dos Santos. Para homens como o professor Hemetério dos Santos, o “bem vestir-se” e a posse de outros símbolos relacionados à elegância, como o charuto e a cartola, significavam muito mais que “estar na moda”. Representavam um potente

<sup>8</sup> Dentre esses homens estava o advogado e deputado Monteiro Lopes. Ver mais em: DANTAS, Carolina Vianna. *Manoel da Motta Monteiro Lopes, um deputado negro na I República*. Programa Nacional de Apoio à Pesquisa FBN/Minc, 2008.

<sup>9</sup> É importante frisar que foi um movimento bastante elitista e que buscava europeizar e embranquecer a cidade.

<sup>10</sup> Apenas homens maiores de vinte e um anos e comprovadamente alfabetizados tinham permissão de participar das eleições políticas como candidatos ou eleitores. Isso correspondia a um percentual ínfimo da população.





instrumento na luta diária por reconhecimento em uma sociedade atravessada pelas hierarquias e estereótipos raciais que acabavam por limitar o exercício pleno da cidadania traduzida em liberdade e inclusão social.

Ele, assim como alguns outros intelectuais, se opôs visceralmente às perspectivas racialistas que advogavam em defesa de uma “inferioridade racial” do negro e da população mestiça no Brasil. Nessas intervenções intelectuais, Hemetério e seus pares buscavam atuar na construção de uma “história pátria”, investindo em narrativas nas quais “unidade” e identidade nacional incluíam a mestiçagem não mais como fator negativo, mas como um traço característico da nacionalidade brasileira (DANTAS, 2010, p.36).<sup>11</sup> Segundo a historiadora Paulina Alberto (2017, p.23), seriam estes os “termos de inclusão”, a partir dos quais intelectuais negros “(...) expressavam a esperança de que essas ideias [positivas em relação à mistura racial] pudessem ajudar a afastar da sociedade brasileira (...) as certezas inabaláveis do racismo [pseudo] científico.” A produção intelectual de Hemetério foi além de um “elogio à mestiçagem”, afirmando de modo contundente as boas qualidades das mulheres e homens negros nessa história pátria. Ele negava os estereótipos; ao passo em que afirmava positivamente os negros do passado, legitimando a si próprio e aos seus pares no presente (SILVA, 2015).

Mas, e no caso das mulheres negras do período? Algumas delas também faziam parte desses círculos letrados, sendo intelectuais do ensino e detentoras dos sobrenomes que conferiam distinção aos homens de suas famílias. Como eram essas relações entre respeitabilidade social, intelectualidade, estereótipos raciais e a condição feminina? Como se fazer respeitada, reconhecida e, acima de tudo, distante dos estereótipos raciais que recaíam sobre seus corpos? Que elementos estavam disponíveis para tais mulheres em substituição ao fraque, ao charuto e à cartola? Será que existiam tais elementos? Rufina Vaz Carvalho dos Santos, esposa de Hemetério, exerceu o magistério na rede pública municipal de ensino – além de ocupar o cargo de diretora de algumas unidades

---

<sup>11</sup> Dantas chama a atenção ao fato de que essas “visões positivas” acerca da mestiçagem não excluíam práticas racialmente discriminatórias.

escolares. Coema e Gulnare Hemetério dos Santos, duas dos cinco filhos do casal, também se dedicaram à atividade docente.<sup>12</sup>

Seguindo os mesmos caminhos de seu pai, Coema Hemetério atuou como docente do ensino primário em escolas públicas municipais – ocupado majoritariamente por mulheres – e também esteve à frente de uma das cadeiras de Língua Portuguesa no curso noturno da Escola Normal Oficial. Voltado à formação de outras educadoras, o Curso Normal era ocupado, e principalmente gerenciado, por docentes majoritariamente do sexo masculino. Por meio das páginas dos jornais da época é possível acompanhar as turmas nas quais Coema atuou como regente, bem como com quais colegas dividiu tal regência. É o caso da publicação do prestigiado jornal *O Paiz*, em 04/04/1913, sobre o “Expediente da Escola Normal”, informando que a disciplina de Língua Portuguesa do *Curso Nocturno* ficaria a cargo das professoras Arminda Augusta Bastos e Coema Hemetério dos Santos Pacheco, ambas no 1º ano. Já o professor Hemetério ficaria responsável por ministrar a disciplina às alunas do 3º ano do mesmo curso e instituição.

A carreira de Coema também alcançou outros espaços para além da sala de aula: assim como seu pai, ela atuou como colaboradora de alguns periódicos voltados ao ensino.<sup>13</sup> Escreveu e se fez representar, assim como outras educadoras de seu tempo, nas páginas dos jornais e revistas pedagógicas que davam suporte teórico e metodológico a outros tantos docentes da capital e demais cidades do Brasil. Nos idos de 21 de dezembro de 1909, em meio às notícias acerca da “Vida Social”, *O Paiz* remete aos leitores uma carta enviada por Hemetério dos Santos, na qual o educador denuncia um ocorrido envolvendo a direção da Escola Normal e a sua filha Coema:

Há dias, o diretor geral de instrução, contra a lei, contra o regulamento e contra as praxes, não consentiu que minha filha, D. Coema Hemetério dos Santos, examinasse as suas alumnas: não há afronta maior para um docente, que preza a sua reputação profissional. (...)

Acostumado ao trabalho e ao sofrimento, desde os mais verdes anos de minha vida, jamais me queixo e invoco a ajuda de quem quer que seja, para as luctas que travo. Goso da amizade do mais alto chefe republicano na atualidade, mas nunca lhe invoquei o nome em público e jamais com ele conversei sobre as pequeninas misérias das autoridades municipaes (...)

<sup>12</sup> Sobre a família Hemetério dos Santos ver mais em: SANTOS (2019) e SILVA (2015). *Op.cit.*

<sup>13</sup> Até o momento encontrei atuação da professora Coema nas revistas pedagógicas *A Escola Primária* e *O Magistério*. Ambas estão arquivadas na Seção de Periódicos Raros da Biblioteca Nacional/RJ.



Na defesa da minha filha, *duplamente ofendida por ser mulher e por ser subordinada*, eu talvez me haja excedido... Quem pensar que me cabe a culpa, atire-me a primeira pedra.<sup>14</sup> (SANTOS, Hemetério dos. *O Paiz*, 21/12/1909, p. 03.) [grifos meus]

A dupla ofensa à professora Coema Hemetério dos Santos, por “ser mulher e por ser subordinada”, nos permite discutir o quanto as trajetórias das mulheres negras estiveram atravessadas pelos estereótipos de gênero e de raça. Ser letrada e docente em uma das mais importantes instituições educacionais da época – além de filha de alguém respeitado e reconhecido publicamente – não impediu que a jovem experimentasse na própria pele a materialização de tais estereótipos. Nessa carta endereçada ao jornal, Hemetério não menciona a questão racial como um dos fatores do desrespeito sofrido por sua filha – embora suas denúncias em relação às mais variadas formas de discriminação racial fossem recorrentes. Contudo, estamos diante de uma relação de poder na qual um homem branco, exercendo o cargo de chefia, impede uma professora, mulher e negra, de exercer o que sua profissão permitia e recomendava.

A resposta firme, publicada em um dos jornais mais prestigiados daquele tempo, se fez pela voz do pai e “chefe da família”. Em nenhum momento daquele dezembro de 1909 localizamos alguma réplica de autoria da professora Coema. Nem mesmo a carta endereçada pelo pai traz qualquer evidência de participação dela. Em outros tantos artigos discutindo as “virtudes do negro” ou em prol de uma educação popular a voz que se faz atuante e em primeira pessoa é a do pai. Nesse ponto temos outra questão importante: sobre as relações assimétricas entre os gêneros que se combinavam às desigualdades raciais. Em tempos de pós-abolição, alguns homens negros ultrapassaram, em parte, as barreiras raciais – o que não aconteceu da mesma forma para as mulheres negras. Os textos publicados em periódicos da época – como o conceituado *O Paiz* – evidenciam que a atuação do pai, o “homem da família”, foi bastante incisiva e protagonista no debate público acerca das desigualdades raciais e educacionais, –enquanto que à filha coube uma atuação coadjuvante e menos visível.<sup>15</sup>

<sup>14</sup> Seção de Periódicos Raros da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 25/08/2017, às 13hrs.

<sup>15</sup> O professor Hemetério publicou diversos artigos e cartas nas páginas de periódicos da cidade do Rio de Janeiro, sendo a educação popular e o “preconceito de cor” os seus principais temas abordados. Sobre a primeira temática destaco “Pelos Escolas” (*O Tempo*, 1892); “Carta aos maranhenses” (*Jornal do*



Ser mulher se configurava como mais um elemento a limitar as agências de mulheres negras em espaços de prestígio social. Contudo, esses limites não significaram sua anulação. O que temos são formas e caminhos de exercício de uma intelectualidade que aparentemente não ultrapassava os limites do que era ou não moralmente aceitável e compatível com as funções de mãe, esposa e dona de casa. Nesse sentido, colaborar com a imprensa pedagógica parecia ser uma atividade mais aceitável e “conveniente” às mulheres do período. Tanto que as páginas desses jornais e revistas estavam repletas de textos publicados por educadoras mulheres. Nas páginas da revista *A Escola Primária*, por exemplo, são fartos os artigos de autoria feminina. A maioria esmagadora versando sobre lições escolares (Língua Portuguesa, História do Brasil etc.), ficando ao cargo dos professores homens a escrita e publicação de artigos com vieses críticos e debatedores das questões gerais e amplas acerca do ensino. A professora Coema Hemetério publicou alguns artigos apresentando lições gramaticais e que visavam fornecer algumas orientações metodológicas a outros docentes da cadeira de Língua Portuguesa:

---

*Commercio*, 1906). Já sobre o segundo tema, destaco: “Pretidão de Amor” (*A Notícia*, 1906); “Etimologias, preto” (*Almanaque Garnier*, 1907); “Resposta ao Sr Alcindo Guanabara” (*O Imparcial*, 1913); “Em defesa de uma raça” (*O Imparcial*, 1913). Todos estão disponíveis em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>.





Figura 2. *A Escola Primária*, março de 1922, p.01. Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira

Nesse mesmo periódico o professor Hemetério dos Santos publicava artigos teórico-metodológicos, fornecendo instrumentos didáticos aos docentes que ensinavam a língua materna. As ocorrências encontradas em publicações da imprensa demonstram a proximidade entre pai e filha quanto à produção intelectual voltada aos seus pares professores. Proximidade que também pode ser verificada em publicações de outro periódico voltado a educadores, *O Magistério*.<sup>16</sup>

<sup>16</sup> O periódico se definia como uma “revista didática, pedagógica e literária”, além de “orgam de defesa da classe professoral”. De propriedade da “Associação dos Professores do Brazil”, circulou entre 20 de agosto e 30 de novembro de 1909, publicando artigos acerca da educação, formação de professores e especialmente propondo a unidade dos professores enquanto uma “classe professoral”. Este periódico está disponível na Seção de Periódicos da Biblioteca Nacional/RJ.

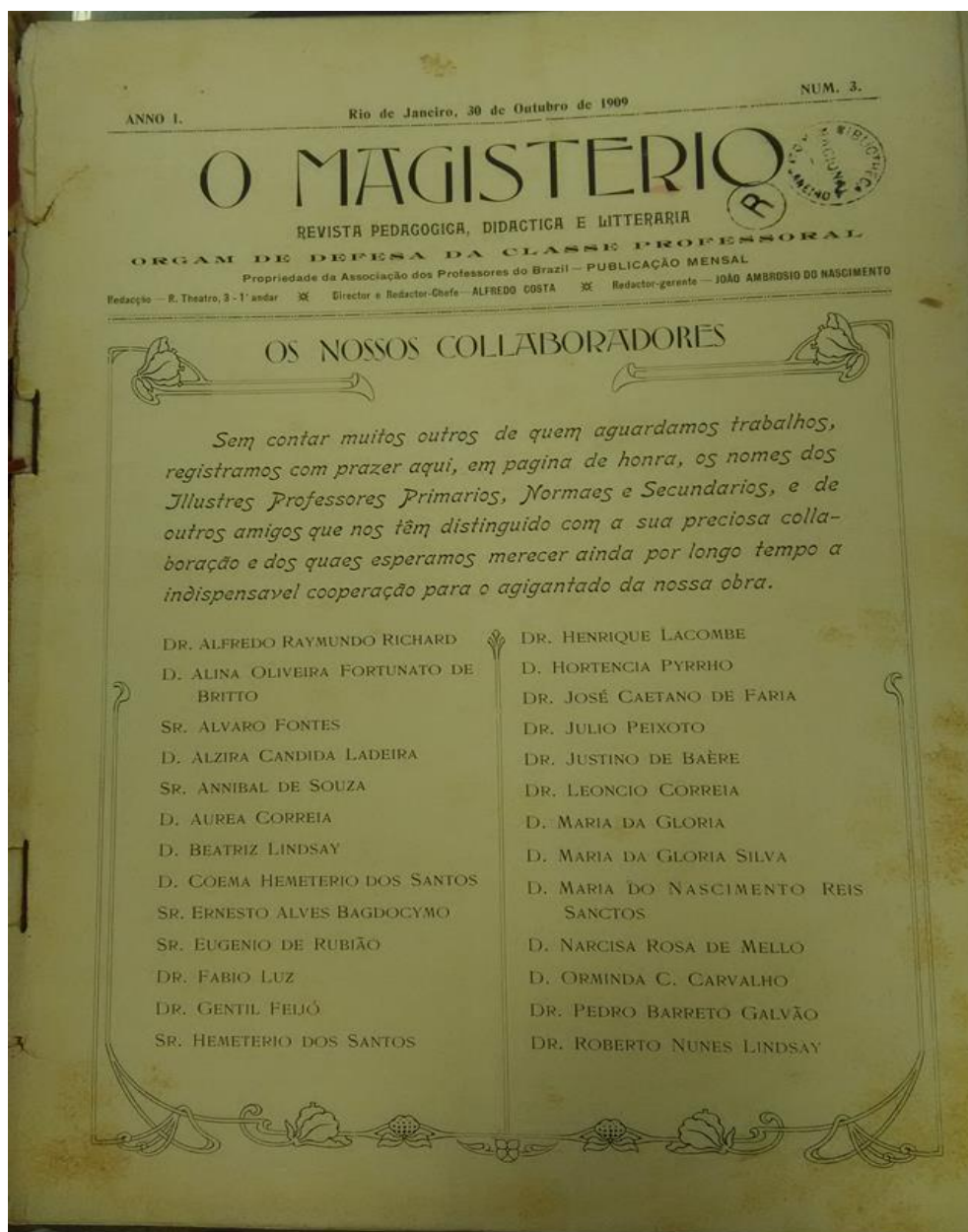


Figura 3. *O Magistério*, ano I, n.3, 30/10/1909, p.01.

Essa parceria intelectual entre pai e filha que acontecia no exercício do magistério – e na produção de artigos voltados ao trabalho pedagógico – não foi explicitada quanto aos artigos remetidos à grande imprensa pelo professor Hemetério dos Santos, discutindo e combatendo os preconceitos contra as pessoas negras. Contudo, o fato de ambos lecionarem a mesma disciplina, atuarem juntos na Escola Normal e em periódicos pedagógicos nos permite acreditar que a parceria tenha acontecido também em momentos de embate aberto contra a discriminação racial. É importante ressaltar que ambos



compartilhavam das ferramentas da modernidade, tais como o uso da imprensa, o domínio da cultura letrada e a auto representação positiva. Enquanto indivíduos negros, os membros da família Hemetério dos Santos frequentemente estavam expostos à racialização e decorrente discriminação – direta ou indireta –, elaborando respostas que mesclavam o embate aberto e a refutação de estereótipos a partir de seus comportamentos moralmente exemplares.<sup>17</sup>

O duplo desafio em ser mulher e negra em um mundo de hegemonia branca e masculina certamente impôs cerceamentos às agências de Coema e tantas outras mulheres negras do período que tenham se aventurado a falarem por si próprias. Fazendo parte de uma sociedade que se modernizava e procurava se abrir ao cosmopolitismo, essas mulheres atravessaram (e foram atravessadas por) valores, ideias e representações extremamente pejorativas sobre ser mulher negra. Também nos periódicos, um dos principais elementos a reforçar valores da modernidade, eram fartas as representações de mulheres de pele alva e “cútis acetinada” enquanto símbolos de beleza. Um exemplo disso é a Revista *Careta* – muito popular e com ampla circulação no decorrer das duas primeiras décadas do século XX.<sup>18</sup> Repleta de anúncios dos mais variados tipos de produtos: automóveis, máquinas de escrever, discos, produtos de beleza voltados ao público feminino. Em tais anúncios quem figura nas representações são pessoas brancas, associadas à “elegância” e à “beleza”:

---

<sup>17</sup> Em 1917 a família Hemetério dos Santos vivenciou uma experiência dramática de discriminação racial: um dos filhos teve matrícula negada no Colégio São Vicente de Paulo, em Petrópolis, sob a alegação de que “ele se sentiria constrangido em meio de alunos todos brancos”. O caso reverberou em diversos periódicos na cidade do Rio de Janeiro, em São Paulo e em Minas Gerais devido aos protestos do pai do menino, o professor Hemetério dos Santos. A situação chegou a mobilizar um protesto da Federação dos Homens de Cor (São Paulo). Após os fervorosos protestos do professor, que chegou a endereçar o caso ao Conselho Superior de Ensino, a direção do colégio pediu desculpas públicas à família Hemetério dos Santos.

<sup>18</sup> A revista *Careta* foi um periódico bastante popular que circulou entre os anos de 1908 e 1960. Recheada de artigos satíricos, charges e anúncios, a revista de páginas coloridas e vivas foi um dos periódicos mais populares da cidade do Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XX.



**SER BELLA**

**Crème de Belleza "Oriental"**

unico sem rival,  
para manter a epi-  
derme em perfeito  
estado de hygiene  
e beleza e pelas  
suas qualidades  
emolientes e refri-  
gerantes, embran-  
quece e assetina a  
cutis, dando-lhe a  
transparencia da  
juventude. Não é  
gorduroso, é o me-  
lhor para massa-  
gens e faz adherir  
o pó de arroz, tor-  
nando-o completa-  
mente invisivel.



**Um 3\$000 — Pelo Correio 3\$500**

Vende-se nas perfumarias e pharmacias do Rio e das  
principaes cidades dos Estados

**DEPOSITO : PERFUMARIA LOPES**  
**Uruguayana, 44 — Rio**

*Mediante um sello de 100 réis, enviamos o catalogo de*  
**«Conselhos de Belleza»**

Figura 4: Revista Careta, dezembro de 1915, p.18.

Entendendo a imprensa não apenas como “representação” da realidade, mas enquanto elemento construtor desta é possível afirmar que tais imagens eram potencialmente capazes de influenciar as experiências das mulheres negras em geral, em especial daquelas que pertenciam aos círculos letrados e tinham contato direto com o universo letrado. Tais mulheres dominavam as ferramentas do mundo letrado, o que era resultado e ao mesmo tempo causa do pertencimento a outros estratos sociais. Porém, não impedia que experimentassem a racialização e as desigualdades de gênero. Portanto, em suas vidas cotidianas era preciso dialogar com as imagens que transmitiam padrões de uma “feminilidade respeitável”.<sup>19</sup> Ter a “cútis branca e acetinada” seria inalcançável para

<sup>19</sup> Tomo de empréstimo o conceito de “feminilidade respeitável” empregado pela historiadora Giovana Xavier em sua tese a respeito de mulheres negras, relações raciais e cosméticas nos Estados Unidos (1890-1930). Em linhas gerais, trata-se dos investimentos feitos por mulheres negras que, em meio à segregação



mulheres como a professora Coema, mas alguns caminhos poderiam conduzi-la a bem perto disso. E foi também por meio de sua estética, das lições ministradas em revistas pedagógicas e do exercício do magistério, no qual ela projetou a sua própria voz. A “aluna exemplar”, que posteriormente viria a ser a reputada professora, falou a partir de seu modo de ser e estar no mundo. É o que evidencia a publicação feita pela revista *A Cidade* em 1913 na qual fotografia e texto transmitem aspectos da biografia da jovem professora:



Figura 5. Revista *A Cidade*, 1913, p. 30.

Ahi [Escola Normal] não desmereceu a fama que trouxera da escola primária, antes cresceu com o extraordinário zelo com que se houve em todo penoso curso normal. (...)

---

racial, investiram na construção de imagens públicas positivas de si próprias. Em contraposição às imagens sexualizadas e estereotipadas frequentemente veiculadas pela ótica da supremacia branca, essas mulheres se mostravam educadas, bem vestidas e plenamente integradas aos padrões morais da época.



Herdeira natural dos dotes didáticos que ilustraram e tornaram vantajosamente reputado o professor Hemetério, estava naturalmente encaminhada para substituí-lo na cadeira de Português, que leciona na Escola Normal (A Cidade, 1913, p.30).

### **Experiências negras ao Norte: W.E.B. Du Bois e Jessie Redmon Fauset**

Racialização, integração, exclusão, construção de identidades positivas, racismo... Desafios que não ficaram sem respostas dos homens e mulheres descendentes dos africanos forçados à diáspora no Novo Mundo. Os caminhos encontrados e construídos por esses sujeitos foram múltiplos e variados e podem ser lidos de modo conectado – direta ou indiretamente – conforme propõe Paul Gilroy (2009, p.14):

Em oposição às abordagens nacionalistas ou etnicamente absolutas, quero desenvolver a sugestão de que os historiadores culturais poderiam assumir o Atlântico como uma unidade de análise única e complexa em suas discussões do mundo moderno e utilizá-la para produzir uma perspectiva explicitamente transnacional e intercultural.

Fazendo uso das perspectivas teórico-metodológicas diaspóricas e afro-atlânticas defendidas por Gilroy e Butler, é possível enxergar os elos entre as histórias dos homens e mulheres descendentes de africanos escravizados nas Américas. Experiências como as da família Hemetério dos Santos dialogam diretamente com outras, tais como as dos intelectuais Willian Edward Burghardt Du Bois e Jessie Redmon Fauset. Igualmente professores, ao Norte do “Atlântico Negro”, esses dois sujeitos históricos também construíram respostas e caminhos em meio à segregação racial em “terra da liberdade” e da democracia. Eles foram parceiros intelectuais e atuaram de modo incisivo no início do século XX em prol dos direitos de homens e mulheres “de cor”.

Importante referência para a comunidade negra estadunidense, William Edward Burghardt Du Bois nasceu em 1868, em Massachusetts, Norte dos Estados Unidos. Primeiro afro-americano a conquistar o título de doutor (Ph.D.) em *Harvard University*, Du Bois dedicou sua vida à luta pelos direitos civis dos afro-americanos.<sup>20</sup> Sociólogo e

---

<sup>20</sup> Sua atuação intelectual e ativista se fez principalmente por meio de palestras e da publicação de textos escritos. Publicado em 1903, *The Souls of Black Folk* (“As almas das gentes negras”) foi uma de suas mais importantes publicações. Reunindo uma série de ensaios acerca do “povo negro”, Du Bois traz à cena



historiador, ele foi professor em universidades como a *Atlanta University*, além de co-fundador e membro da *National Association for Advancement of Colored People* (N.A.A.C.P.). Em 1910, um ano após a fundação da N.A.A.C.P., Du Bois e outros intelectuais engajados na causa da igualdade racial fundam o jornal *The Crisis*, publicação oficial da organização.<sup>21</sup> Porém, antes de sua filiação à instituição e da fundação do periódico mencionado, Du Bois liderou a criação de um movimento que também reunia membros engajados na luta pelos direitos das pessoas negras, especialmente no que diz respeito ao ensino e à participação política: o *Niagara Movement* (1905-1909).<sup>22</sup> Instituído em 31 de janeiro de 1906 e registrado no distrito de Columbia, o movimento tinha por objetivos: liberdade de expressão e de crítica; imprensa autônoma e não-subsidiada; sufrágio universal; a inexistência de monopólio de qualquer das classes ou raças no acesso ao que há de melhor em ensino, a crença na dignidade do trabalho.<sup>23</sup>

Du Bois foi um intelectual muito importante no chamado *Harlem Renaissance*, movimento artístico, literário e intelectual iniciado por volta de 1920 no bairro do Harlem em Nova York.<sup>24</sup> Nas primeiras décadas do século XX, essa cidade viveu um enorme processo de urbanização e migração. Em especial pessoas negras que vieram do Sul, buscando melhores condições de vida – sendo um dos principais desejos o de viver em um mundo sem violência racial. Chamada de “Grande Migração”, esse movimento levou cerca de 1.500.000 pessoas negras do Sul ao Norte – onde Nova York está situada (XAVIER, 2012). Essas “pessoas de cor” que migraram foram movidas também pela

---

questões relacionadas à discriminação racial e à luta do povo negro por ascensão em meio a uma tensa dualidade: ser americano e ser negro.

<sup>21</sup> A primeira edição da revista foi publicada em novembro de 1910. Em seu editorial explicava seu objetivo principal: mostrar os perigos do preconceito racial e contribuir na luta pelo avanço dos “homens de cor”.

<sup>22</sup> De acordo com algumas fontes, o *Niagara Movement* foi uma espécie de precursor da entidade N.A.A.C.P. – ambos comprometidos com a causa da igualdade de direitos para o povo negro estadunidense. Sobre o vínculo entre os dois movimentos. Para maiores informações ver: <http://www.blackpast.org/aah/niagara-movement-1905-1909>. Acesso em: 22/08/2017, às 16hrs.

<sup>23</sup> “As almas do povo negro”... tradução e notas de José Luiz Pereira da Costa, p.18. Disponível em: <https://afrocentricidade.wordpress.com/2004/12/18/as-almas-do-povo-negro-w-e-b-du-bois-livro/>. Acesso em: 20/08/2017, às 16hrs.

<sup>24</sup> Segundo Bracks e Carney o Harlem se tornou o destino de muitos afro-americanos que migraram do sul dos EUA na busca por segurança, oportunidades e uma vida melhor. Assim sendo, entre os anos de 1920 e 1930 houve intensa migração para essa região.



esperança de melhores oportunidades econômicas em uma cidade urbana e industrializada – o oposto do que viviam no Sul (BRACKS&SMITHS 2014, xxi).

Assim, esses homens e mulheres experimentaram uma vida urbana atuando como escritores, cantores, pintores, dançarinos, escultores, poetas etc. O epicentro dessa vida intelectual foi o movimento cultural que uniu artistas preocupados com a – “ascensão racial” em um enorme esforço para desafiar e destruir os estereótipos racistas contra os negros. Esse movimento foi palco de diversas criações literárias, musicais e também nas artes plásticas. A proposta de investir na construção de um “Novo Negro” (*New Negro*) foi um dos caminhos construídos por homens e mulheres afro-americanos na luta contra os estereótipos e a violência racial (física e simbólica). Segundo Bracks & Smith (2014, p.18),

The Harlem Renaissance is considered one of the premier literary periods for the creative and intellectual blossoming of African American expression. The goal of this period was to reject the overall stereotypes regarding African Americans and confront the racist, social, political, and economic ideas that denied citizenship and access to the “American Dream”.<sup>25</sup>

Por meio de suas ações concretas e produção intelectual, especialmente *The souls of the black folk*, Du Bois se tornou uma das referências principais para os participantes desse movimento no qual estavam em pauta a criação, a produção artística e intelectual e a luta antirracista. Outros homens tiveram importância e atuação fundamental no *Harlem Renaissance*, alguns até denominados de seus “pais”. Uma dessas figuras masculinas foi Alain Locke, autor da obra *The New Negro* (1925)<sup>26</sup> – referência para o movimento de rompimento dos estereótipos raciais em voga na sociedade estadunidense da época. De acordo com Antonio Sérgio Guimarães (2003, pp.01-03), “(...) o ‘novo negro’ é também, e principalmente, o intelectual negro americano, que se notabiliza no Harlem e inventa para si a *Harlem Renaissance*. São políticos, poetas, escritores, pintores e escritores, além de músicos (...)”.

<sup>25</sup> “O Harlem Renaissance é considerado um dos principais períodos literários para o florescimento criativo e intelectual da expressão afro-americana. O objetivo desse movimento era rejeitar os estereótipos gerais em relação aos afro-americanos e confrontar as idéias racistas, sociais, políticas e econômicas que negavam a cidadania e o acesso ao ‘Sonho Americano’.”

<sup>26</sup>Ver mais sobre Alain Locke em: <http://www.blackpast.org/aah/locke-alain-1886-1954>. Acesso em: 23/08/2017, às 18:50 hrs.



Em linhas gerais, esse “novo negro” do *Harlem Renaissance* é o homem que busca estar completamente distante dos estereótipos raciais; é um homem da modernidade em diálogo com a filosofia e as artes; é o homem que lê, escreve, produz músicas, literatura e outras obras de artes. É também o homem do bem vestir-se, da auto representação positiva, daqueles que dominam a cultura letrada e são parte dela. Os “novos negros” estadunidenses foram aqueles que, como o professor Hemetério dos Santos, demarcavam publicamente sua importância e qualidades positivas por meio de elementos estéticos e intelectuais.



Figura 6. William Edward Burghardt Du Bois (1903), domínio público.

Ao Norte e o Sul esses homens elegantes, instruídos, educados buscavam o direito ao exercício de uma cidadania plena. Porém, onde estavam as mulheres durante o *Harlem Renaissance* e o *New Negro Movement*? Quais lugares ocuparam? O que e como projetaram suas vozes? Buscando responder tais questões, colocando em evidência a agência feminina nesses movimentos, Lean'Til Bracks e Jessie Carney Smith editaram *Black women of the Harlem Renaissance Era* (2014). A obra é vasta e traz as biografias das muitas figuras femininas, negras e brancas, integrantes desse movimento. Muito além

de integrarem, tais mulheres atuaram de diversas formas: escrevendo, cantando, dançando, ensinando, publicando. Conforme as autoras apontam:

Although the Harlem Renaissance primarily focuses on a literary and artistic awakening as achieved through opportunity and access, it also speaks to the determination of women to change and transform their lives and the quality of life for their families, and express their own desires to be full partners in every way. Women of this era did not limit themselves to one aspect of transformation, but they challenged and redefined many aspects of society.

When one speaks of a renaissance person, a vision of a multitalented, educated activist and role model comes to mind, but seldom does that vision include women. Women during this period were multitasking in spheres beyond the home and impacting families and communities both within and outside of the black community<sup>27</sup> (BRACKS & SMITH, 2014, p.10) .

Dentre essas mulheres que eram “multitarefa” e que buscavam transformar suas próprias vidas, as de suas famílias e da comunidade negra de modo geral, estava a professora, escritora, editora, romancista e poeta Jessie Redmon Fauset. Conforme já mencionado, ela e Du Bois foram parceiros intelectuais entre fins dos anos de 1910 e meados de 1920 na condução de dois periódicos muito importantes nessa missão de fortalecer a comunidade negra para a luta antirracista: *The Crisis* e *The Brownies Book*. Enquanto sujeitos da modernidade, dominantes da cultura letrada e em meio a um contexto de segregação e de extrema violência racial, ambos fizeram uso da palavra escrita como uma das principais ferramentas de mobilização e luta.

Nascida em Nova Jersey, em 1882, Jessie Redmon Fauset teve sua trajetória igualmente marcada pela luta contra a discriminação racial e as desigualdades e violências advindas daí. Em 1905 se tornou a primeira mulher negra a se graduar pela *Cornell University*, exercendo o magistério em Baltimore e depois em Washington D.C. Em 1919 conquistou o título de mestre em Língua Francesa pela *University of Pennsylvania* e continuou exercendo o magistério. A partir daí, teve início a parceria intelectual e de

---

<sup>27</sup>“Embora o *Harlem Renaissance* se concentre principalmente no despertar literário e artístico alcançado através da oportunidade e do acesso, ele também fala sobre a determinação das mulheres de mudar e transformar suas vidas e a qualidade de vida de suas famílias, e expressar seus próprios desejos de estarem completas e parceiras em todos os sentidos. As mulheres dessa época não se limitaram a um aspecto da transformação, mas desafiaram e redefiniram muitos aspectos da sociedade. Quando se fala em alguém do Harlem Renaissance, a visão de um ativista e modelo exemplar e com muitos talentos vem à mente, mas raramente essa visão inclui as mulheres. As mulheres durante este período foram multitarefa em áreas fora de casa e impactando famílias e comunidades dentro e fora da comunidade negra.”

ativismo com Du Bois – que a convidou a ocupar a função de editora literária da *The Crisis*. Ela fez parte do *N.A.A.C.P.*, atuou diretamente nas edições do periódico *The Crisis* (1919-1926) e também no periódico infantil *The Brownies' Book: A Monthly Magazine for the Children of the Sun* (1920-1921). Em 1926, Jessie deixa os cargos em ambos os periódicos, retomando a carreira docente na *DeWitt Clinton High School* (Nova York) entre 1926 e 1944, quando se aposentou (BRACKS&SMITH, 2014, pp.77-78). Além disso, a professora Jessie também foi autora de romances nos quais retratava os dilemas da *middle class* afro-americana.<sup>28</sup>

Assim como a professora Coema Hemetério, Jessie Fauset também expressava em sua estética elementos que remetiam ao bem vestir-se, à boa educação e elegância, ao tom e gostos aburguesados. A postura séria esboçando um quase sorriso em harmonia aos cabelos perfeitamente alinhados (e alisados) também transmitem a imagem de uma feminilidade dentro dos padrões de respeito e compostura.



Figura. 7. Jessie Redmon Fauset (1924), BRACKS&SMITH, 2014, p.77.

<sup>28</sup>Jessie publicou alguns romances, dentre os quais: *There Is Confusion* (1924). Trata-se de uma história de luta por ascensão social protagonizada por Joanna Marshall, uma cantora e dançarina pertencente à chamada “middle class” (classe média). Ainda de acordo com Bracks e Smith, trata-se de uma produção literária diferente de grande parte das ficções produzidas à época no próprio “meio negro”, pois mostrava outro lado das experiências dos afro-americanos: a vida da classe média negra.

Na edição de abril de 1912, quando um time masculino capitaneado por W.E.B. Du Bois estava à frente da revista, a professora Jessie enviou sua primeira contribuição, o poema *Rondeau*. Em meio a publicações tais como “o estudo social do negro em Nova York” (*Half a Man*) e a contundentes chamados para aumentar o número de membros da NAACP a fim de fortalecer a luta contra leis segregacionistas, linchamentos e defender os direitos civis dos negros, ela versa sobre sentimentos e sensações trazidas pelo mês de abril e a primavera. Escrever poemas era uma de suas principais habilidades e por meio deles ela expressava expectativas e formas de estar no mundo. Desde o início da *The Crisis* havia publicações de poemas, tanto de autoria feminina quanto masculina – o que está perfeitamente relacionado aos objetivos do periódico, que passavam também por enaltecimento das virtudes intelectuais das pessoas negras daquele tempo. Antes mesmo do movimento do “renascimento” ganhar corpo, escritores como a jovem Jessie forneciam contribuições literárias que seriam apreciadas por mulheres e homens negros, leitores da revista voltada para “*The Darker Race*”.

Em novembro de 1919, ela faz sua estreia como editora literária, conduzindo a revista ao lado de Du Bois e de Augustus Granville Dill (gerente de negócios). No exercício dessa função, que se tornou seu ofício principal entre 1919 e 1926, Jessie proporcionou oportunidade de visibilidade a autores negros que posteriormente viriam a se consagrar dentro da comunidade negra. Na mesma publicação de estreia da escritora como editora literária a NAACP, em seu costumeiro chamado à ação, declara a necessidade do apoio de todos os que acreditavam na “lei e na ordem”, fossem brancos ou negros, pois “*American public opinion will rally to our cause, wich is American’s cause, if all the forces for justice can be organized to fight together.*”<sup>29</sup> (*The Crisis*, Vol.19, No.1, Nova York, Novembro de 1919, p.02).

---

<sup>29</sup>“A opinião pública americana se unirá à nossa causa, que é a causa americana, se todas as forças da justiça puderem se organizar para lutar juntas.” [grifo no original]





<b>THE CRISIS</b>	
<b>A RECORD OF THE DARKER RACES</b>	
<small>PUBLISHED MONTHLY AND COPYRIGHTED BY THE NATIONAL ASSOCIATION FOR THE ADVANCEMENT OF COLORED PEOPLE, AT 75 FIFTH AVENUE, NEW YORK CITY. CONDUCTED BY W. E. BURGHARDT DU BOIS, AUGUSTUS GRANVILLE HILL, BUSINESS MANAGER</small>	
Vol. 17—No. 3	JANUARY, 1919
Whole No. 99	
<b>PICTURES</b>	
COVER: "RING IN THE THOUSAND YEARS OF PEACE!" Words by Alfred Lord Tennyson.	Page
MEN OF THE MONTH	124
"DISTURBING THE PEACE, YOUR HONOR!" A Cartoon. By John Henry Adams.	134
SOME "BUFFALO" OFFICERS WITH THE AMERICAN EXPEDITIONARY FORCES.	136
WAR WORKERS AT BRIDGEPORT, CONNECTICUT.	141
A NEGRO SERVICE FLAG, NEW YORK CITY, AND WAR WORK IN ATLANTA, GA.	143
<b>ARTICLES</b>	
PEACE ON EARTH. A Poem. Mary J. Washington.	115
WHAT THE STATUTE COVERS AND WHAT IT DOESN'T. Philip Goodman.	116
THE WAR WORK COUNCIL. J. W. Cromwell.	116
WELFARE WORK AND NEGRO EMPLOYEES. George W. Blount.	117
THE RETURN. A Poem. Jessie Fauset.	118
TO BISHOP HOOD. A Poem. Joseph S. Cotter.	125
<b>DEPARTMENTS</b>	
EDITORIAL	111
NATIONAL ASSOCIATION FOR THE ADVANCEMENT OF COLORED PEOPLE	119
MEN OF THE MONTH	123
THE OUTER POCKET	126
THE LOOKING GLASS	127
THE HORIZON	135
<b>THE FEBRUARY CRISIS</b>	
<small>The February CRISIS is the Reconstruction Number. The leading article will be the Pan-African Movement in the United States. There will be plenty of poems, too, of distinguished colored authors.</small>	
<b>TEN CENTS A COPY; ONE DOLLAR A YEAR</b>	
<small>FOREIGN SUBSCRIPTIONS TWENTY-FIVE CENTS EXTRA</small>	
<small>RENEWALS: The date of expiration of each subscription is printed on the wrapper. When the subscription is due, a blue renewal blank is enclosed.</small>	
<small>CHANGE OF ADDRESS: The address of a subscriber can be changed as often as desired. In entering a change of address, both the old and the new address must be given. Two weeks notice is required.</small>	
<small>MANUSCRIPTS and drawings relating to colored people are desired. They must be accompanied by return postage. If found unacceptable they will be returned.</small>	
<small>Entered as second class matter November 3, 1910, at the post office at New York, New York, under the Act of March 3, 1879.</small>	

Figura 8. *The Crisis*, Vol.19, No.1, Nova York, Novembro de 1919, p.03.

Descrita por seus contemporâneos como “(...) *the literary midwife of the emerging Harlem Renaissance tradition, Fauset became an influential figure in the literary revival of her time* (...)”<sup>30</sup>, tendo grande impacto na exposição de outros artistas negros de seu tempo, mas sendo uma das figuras mais “sub representadas” posteriormente (BRACKS&SMITH, 2014, p.77). Assim, apesar de sua agência ter sido fundamental no suporte e divulgação de outros autores negros, Jessie acabou por ser sub-representada pela memória construída em torno da *Harlem Renaissance Era*. Ao seu tempo, Jessie e

<sup>30</sup> “[descrita como] a parceira literária da emergente tradição do Harlem Renaissance, Fauset tornou-se uma figura influente no renascimento literário de seu tempo (...)”.

outras mulheres tiveram papel muito importante nesse movimento literário e na própria luta antirracista.

Chama a atenção o fato de que os holofotes tenham recaído majoritariamente sobre figuras masculinas como Du Bois e Alain Locke. Em 1912, bem como em 1919, a revista publicava a coluna *Men of the month* [“Homem do mês”] com uma pequena biografia exaltando os feitos de figuras masculinas dentro da comunidade afro-americana. Em meio aos constantes ataques racistas sofridos pela comunidade e, em especial pelos homens negros, fazia bastante sentido para aqueles sujeitos enaltecerem as figuras masculinas e alimentar todo um conteúdo de “hombridade”.

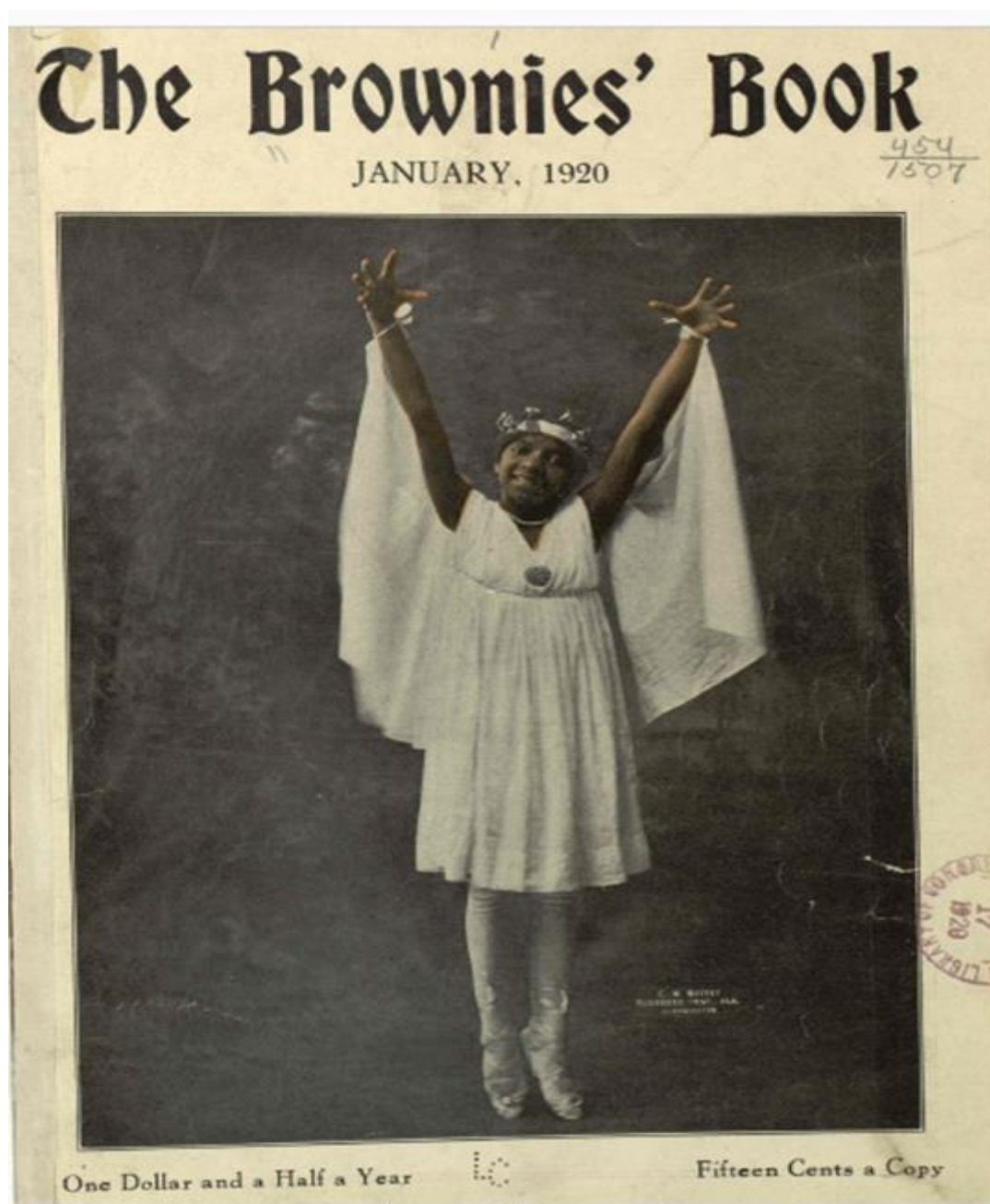
Mulheres eram autoras, destaques e tinham agência dentro da comunidade, estando suas questões igualmente presentes nas páginas da revista, embora não do mesmo modo que as figuras masculinas. Diante do cenário de extrema violência racial era fundamental uma articulação que aglutinasse homens e mulheres negras na luta por sobrevivência física e simbólica. Assim, publicações como a *The Crisis* se mostravam como importante instrumento para essa articulação coletiva. Todavia, era também uma forma de sobrevivência dos espíritos, da mente e de agência em uma sociedade que insistia em aniquilar os que não fossem brancos. A dureza do racismo que se abatia sobre os corpos negros poderia ser combatida tanto pela articulação política quanto pela leveza dos poemas e romances publicados por Jessie e tantos outros escritores.

A emancipação negra deveria ser dos corpos e da mente, de dentro para fora, começando desde a mais tenra idade. E seria também pelo caminho da cultura letrada que desde cedo as crianças negras seriam incentivadas a construir imagens positivas e afirmativas de si próprias e dos demais membros da comunidade. Assim sendo, em janeiro de 1920 é lançada a revista infantil *The Brownies' Book: a monthly magazine for the children of the Sun*. Conduzida por Du Bois (editor), Jessie Redmon (editora literária) e Augustus Dill (business manager), a revista circulou entre os anos de 1920 e 1921. Repleta de fotografias, cartas, literatura e história do povo negro, a publicação era voltada ao público entre seis e dezesseis anos,

(...) designed for all children, but especially for *ours*. It aims to be a thing of Joy and Beauty, dealing in Happiness, Laughter and Emulation (...). It will seek to teach Universal Love and Brotherhood for all little folk-black and brown



and yellow and white.<sup>31</sup> (*The Brownies' Book*, Vol.1, No.1, Nova York, Janeiro de 1920, p.02).



<sup>31</sup>“(...) projetada para todas as crianças, mas especialmente para as *nossas*. Pretende ser fonte de Alegria e Beleza, tratando de Felicidade, Riso e Emulação (...). Ela procurará ensinar o Amor Universal e Fraternidade para todos os pequenos povos – preto, marrom, amarelo e branco.” [grifo no original]



Figura 9. *The Brownies' Book*, Janeiro de 1920, p.01.

A imagem anterior foi capa da primeira edição da revista publicada em janeiro de 1920, nela uma pequena bailarina em um momento de encenação traduz aquilo que a revista se propôs a publicar: alegria, harmonia, bem vestir-se e beleza infantis. Em meio à violência e segregação racial, essa e outras imagens publicadas pela revista infantil transmitiam aos membros da comunidade negra, especialmente aos pequenos, representações positivas e bem distantes de estereótipos raciais. Crianças que liam histórias, que dançavam ballet, que eram bem vestidas e bem cuidadas, amadas, que escreviam cartas e se interessavam pela história da humanidade. Essas são algumas das mensagens que a publicação buscava transmitir aos seus leitores.

### **Estreitando os diálogos entre Norte e Sul**

Ao relacionarmos as experiências dessas quatro personagens, Hemetério, Coema, Du Bois e Jessie, é possível perceber o quanto alguns aspectos lhes foram comuns mesmo estando em contextos bastante diversos. O que os aproxima, em um primeiro momento, são as experiências contundentes da racialização e do racismo sobre suas trajetórias. Filhos da diáspora forçada que trouxe às Américas milhares de mulheres e homens africanos para o trabalho escravo, esses quatro sujeitos históricos carregavam esse vínculo com os antepassados escravizados, visto que eram descendentes diretos dessas pessoas.

Porém, se não estavam desvinculados desse passado recente tampouco estavam presos a ele; não eram africanos, não dominavam o que seriam seus idiomas de “origem” ou muito menos se vestiam como membros de povoados africanos. Por conta do violento processo de escravização talvez tivessem pouco ou nenhum conhecimento sobre seus ancestrais diretos. Estavam mergulhados no universo sociocultural de seus respectivos países de nascimento – Brasil e Estados Unidos. Dominavam seus códigos culturais e faziam parte deles, construindo-os e sendo construídos por eles. Essa relação entre passado e presente era parte importante nas vidas de todas as pessoas em tempos de “modernidade”, no qual inovações tecnológicas, intercâmbio cultural e o desejo por “melhorias” estavam a pleno favor. Mais uma vez a imprensa se apresenta como um



campo fértil para discussões por serem fartas as representações desses símbolos atuando diretamente na construção de modelos a serem alcançados por todos que não quisessem ficar de fora desses “novos tempos”.

No Rio de Janeiro e em Nova York, as páginas dos jornais e revistas veiculavam imagens que remetiam à “beleza” e à “saúde” – entendidos enquanto sinônimos da brancura. Segundo Giovana Xavier (2012, p.161), houve na grande imprensa estadunidense intensa circulação de “(...) preleções de higiene [que] consolidavam uma *pedagogia* própria à indústria dos cuidados da beleza – um *beauty care* diretamente conectado à questão racial, visto que a pele limpa era propagandeada como algo naturalmente restrito às caucasianas”:



Figura 10. Pompeian Beauty, 1926. Fonte: <http://www.vintageadbrowser.com/beauty-and-hygiene-ads-1920s/18>

O anúncio utilizado por Xavier (2012, p.161) na análise dessa “pedagogia da higiene” estadunidense, relacionava beleza, saúde e higiene à brancura da pele – do mesmo modo que os anúncios da *Revista Careta* tratados anteriormente. Isto é, havia enorme semelhança nos mecanismos utilizados pelos sujeitos produtores dos diversos

periódicos cariocas e nova-iorquinos na veiculação de representações que fortaleciam ideais de supremacia branca.

Ter a pele “limpa”, “saudável”, dentre outros adjetivos positivos, não era apenas sinônimo de brancura, mas também de estar totalmente inserido na “modernidade”. Contudo, como seria possível aos negros letrados e bem vestidos como os do nosso quarteto fazerem parte desse universo? Um diálogo entre essas quatro experiências nos possibilita discutir a chamada “modernidade negra”. Não porque sirvam de meros exemplos ou de “pano de fundo”, mas por constituírem e serem constituídos por essa modernidade. Os intelectuais negros, nessa relação de mão dupla, teceram um diálogo entre os ideais e os valores de “civildade”, “humanismo”, “liberdade” e “igualdade”. Construíram o que se chama de “modernidade negra” – sendo o exercício da intelectualidade um de seus principais instrumentos.

Segundo Antonio Sergio A. Guimarães (2003, pp.01-02), “modernidade” pode ser entendida como sinônimo da “(...) expansão mesma da noção de civilização para além do Ocidente, incorporando elementos de outros povos e, no limite, incluindo esses mesmos povos enquanto criadores de civilização.”. Nesse processo, a “modernidade negra” seria, para tal autor, uma “inclusão cultural e simbólica dos negros ao mundo ocidental”. Gilroy e Guimarães salientam que tanto a “modernidade” quanto a “modernidade negra” foram processos históricos conflituosos, dialéticos e multifacetados. Petronio Domingues (2010, p.113) segue a mesma linha analítica sobre esse caráter “multifacetado”, mas lança críticas às proposições acerca da “modernidade” enquanto sinônimo de completa adesão aos ideais civilizatórios eurocêntricos e o conseqüente abandono das referências africanas. Em clara alusão ao pensamento de Du Bois, Gilroy, define que a “modernidade negra” seria ainda marcada pelo “estar dentro e fora”: ter uma identidade negra e ao mesmo tempo nacional.<sup>32</sup>

Vinculadas aos mecanismos de racialização e ao reforço dos estereótipos gerações a fio, antes e depois do fim dos regimes escravistas, as identidades negras construídas na

---

<sup>32</sup>Gilroy (2012, p.248) trabalha com o conceito de “dupla consciência” (“*double consciousness*”) desenvolvido por Du Bois em *The Souls of Black Folk*. Segundo este, o negro americano vivia o dilema da dualidade: um lado americano e outro negro. Um conflito vivido dentro sociedade racialmente segregada e por isso bastante opressora aos homens e mulheres “de cor”.



diáspora foram múltiplas e variadas ao longo do tempo. E estão relacionadas aos modos pelos quais precisaram enfrentar as dinâmicas de opressão pautadas em hierarquias raciais institucionalizadas ou não. Nem todos levantaram as bandeiras antirracistas ou valorizaram suas heranças africanas. Para alguns indivíduos, talvez o único caminho possível e acessível tenha sido o do silêncio em relação às questões raciais. Para Coema, Hemetério, Jessie e Du Bois, o caminho foi o da agência intelectual, da auto representação positiva e o da inserção e domínio dos códigos culturais vigentes.

O uso de “ferramentas da modernidade” seguiu por caminhos semelhantes, mas guardando importantes especificidades: Du Bois e Jessie Fauset fizeram parte de uma imprensa produzida *por e para* pessoas negras em um contexto de segregação oficial e de linchamentos em praça pública.<sup>33</sup> Hemetério e Coema, por sua vez, não precisaram lidar diretamente com situações extremas de violência racial como as que aconteciam nos Estados Unidos. Ocuparam espaços majoritariamente brancos, experimentando uma integração que tinha lá seus limites – muitas das vezes travestidos por motivações que tentavam esconder a realidade do “preconceito de cor”.

O fato de a cidade do Rio de Janeiro não ter registros da existência de clubes, associações e imprensa nos mesmos moldes que em Nova York (e mesmo em cidades brasileiras como São Paulo) é algo importante para a discussão acerca dos modos pelos quais as relações raciais, assimétricas se construíram. Sem a segregação racial oficial, sem a existência de instituições exclusivas ao público negro, a cidade que se pretendia cosmopolita seria a materialização da harmonia entre as “raças”? Seria o lugar da ausência de “preconceito de cor”? A capital federal teve por característica principal a multiplicidade de grupos étnicos e isso é ponto indiscutível entre os estudiosos do assunto. Contudo, os fragmentos encontrados na “grande imprensa”, os relatos de situações de proibição, as vozes que se levantaram contra a permanência da discriminação mesmo em “tempos de liberdade” são elementos que nos indicam a existência de outras formas de

---

<sup>33</sup> Giovana Xavier chama a atenção ao fato de que a “imprensa afro-americana” teve suas raízes antes de 1865 e com caráter antiescravista, estabelecendo “(...) conexões entre direitos políticos, linguagem racial, cultura impressa e discurso público.” (XAVIER, 2012, p.22).



hierarquização racial. E os próprios elementos das trajetórias de Hemetério e Coema nos indicam caminhos distintos a uma possível “harmonia” e assimetria racial.

A exteriorização de vozes, diretas ou indiretas, em prol da inclusão e cidadania nos revela que em tempos de pós-abolição as pessoas negras não estavam livres das desigualdades raciais. As redes de sociabilidade, as estratégias de acesso à educação formal, as relações de solidariedade, as práticas culturais como o carnaval e as associações carnavalescas nos possibilitam “(...) compreender as diferentes estratégias de combate ao racismo e de superação das limitações políticas, econômicas e sociais impostas pelo regime republicano” (BRASIL, 2016, p.75). Como dito no início do artigo, para enxergar as relações entre as experiências negras de modo transnacional é importante buscar os elementos que as conectam, que permitem um diálogo “além da comparação” (SEIGEL, 2005).

Em suas intervenções contra o “preconceito de cor”, Du Bois e Hemetério fizeram farto uso dos periódicos, construindo lugares de prestígio, lutando por inclusão e por cidadania para si e para os seus iguais. Foram dois sujeitos históricos negros que em meio às barreiras racistas de seu tempo alcançaram certa visibilidade e reconhecimento. Além disso, enquanto homens tinham legitimado o direito de falarem por si e pelos seus – ainda que estivessem sob a égide das hierarquias raciais. Ao sul, a influência e o reconhecimento social do professor Hemetério dos Santos se restringiu aos círculos letrados na cidade do Rio de Janeiro e posterior apagamento de sua memória tanto na história da cidade quanto nacional. Quanto a Du Bois, o que se verifica é o completo oposto, visto ter construído forte legitimidade dentro da comunidade negra, sendo reconhecido e lembrado internacionalmente.

Para Jessie e Coema, mulheres negras, havia ainda os padrões de feminilidade – estéticos e comportamentais – com os quais precisavam dialogar. As mulheres de seu tempo eram cobradas a serem mães, donas de casa e submissas aos seus maridos. Como já dito, a professora Coema por vezes teve sua voz suprimida pela voz do “homem da família”, do patriarca Hemetério dos Santos. Em 1910, dois anos após concluir o curso de formação de professores, casou-se com o funcionário público Octavio Ferreira Pacheco, adotando o último sobrenome do marido como de costume à época. Tornou-se Coema





Hemetério dos Santos Pacheco, carregando os sobrenomes do pai e do marido, respectivamente.

A professora e poeta Jessie se casou apenas em 1929, aos 49 anos de idade, unindo-se ao veterano de guerra Herbert Harris, sem ter tido filhos. A agência intelectual da professora de francês Jessie Redmon Fauset foi bastante proativa, falando em primeira pessoa, contornando de modo mais incisivo os cerceamentos comumente impostos às mulheres. É o que se percebe, por exemplo, a partir da sua participação no II Congresso Pan-Africano, em 1921 (Londres, Paris e Bruxelas), convocado por Du Bois. E sobre essa experiência Jessie relata, entusiasmada e em primeira pessoa, suas impressões a respeito desse evento que reuniu intelectuais e ativistas negros de várias partes da América, África e Europa. Ressaltando a irmandade entre todos, a despeito de algumas diferenças entre si, ela conclui o relato afirmando a necessidade de união na luta em prol da fraternidade entre negros e não negros:

All the possibilities of all black men are needed to weld together the black men of the world against the day when black and white meet to do battle. God grant that when day comes we shall be so powerfull that the enemy will say, "But behold! These men are our brothers!"<sup>34</sup> (FAUSET, 1921, p.18)

Jessie e Coema, direta e indiretamente, enfrentaram os desafios de lidar com os estereótipos raciais e de gênero, de serem mulheres e negras com a constante necessidade de contornar a sexualização e a objetificação dos seus corpos. Desafios enfrentados por meio da afirmação de suas agências intelectuais e do protagonismo enquanto mulheres que liam, escreviam, ministravam aulas. Uma oposição à discriminação contra “as pessoas de cor”, que se concretizava em suas formas de viver, de se vestir e de atuar na vida pública. A jovem carioca teve sua voz abafada e secundarizada pela figura paterna, sendo igualmente riscada da história da cidade e do país. Já a professora Jessie teve certo reconhecimento ao seu tempo, porém, as memórias construídas em torno do movimento do *Harlem Renaissance* também a ofuscam e silenciam (BRACKS&SMITH, 2014).

---

<sup>34</sup>“Todas as possibilidades de todos os homens negros são necessárias para unir os negros do mundo contra o dia em que negros e brancos se encontram para lutar. Deus conceda que, quando chegar o dia, seremos tão poderosos que o inimigo dirá: “Mas eis que esses homens são nossos irmãos!”



Du Bois proferia palestras, escrevia sobre “as almas do povo negro” e dirigia periódicos voltados às questões negras; Hemetério fazia uso da imprensa corrente da cidade do Rio de Janeiro para dizer em alto e bom som que “(...) o negro nunca foi estúpido, fraco, imoral ou ladrão(...)”.<sup>35</sup> Jessie e Coema, suas respectivas parceiras intelectuais, eram atuantes nos periódicos e no exercício do magistério. Experiências e identidades negras construídas na diáspora e na modernidade em constante diálogo com o continente africano: o de um passado glorioso contado nos artigos de Hemetério<sup>36</sup>; o de um presente e futuro pan-africanista como o tratado nos artigos, conferências e mobilizações de Jessie e Du Bois.<sup>37</sup>

### Considerações finais

Os quatro sujeitos históricos dos quais tratamos além de negros eram também pertencentes ao círculos letrados – o que significava ser parte de uma camada média — nem pobre e nem rica – na qual os valores e códigos aburguesados do vestir-se, falar, escrever e, sobretudo, comportar-se ditavam os modos de ser e estar no mundo. Eram também homens e mulheres – pertencimentos capazes de negar ou permitir acesso e voz do mesmo modo que ser negro/branco/mestiço abriria ou fecharia portas. Esse movimento das portas poderia ser brusco, vir acompanhado de outras agressões ou ser “sutil” a ponto de dar espaço à dúvida acerca da existência ou não da discriminação racial.

Não é possível (e muito menos produtivo) tentar mensurar qual desses pertencimentos teve peso ou importância maior nas trajetórias desses e de tantos outros que carregavam na pele e na origem a relação com o passado escravista que construiu as sociedades nas Américas. A pseudociência que buscava legitimar as hierarquias entre as “raças” andava de braços dados com aquela que falava em prol das diferenças entre

<sup>35</sup> *O Imparcial*, 20 de outubro de 1913, p. 05.

<sup>36</sup> Em seus artigos, Hemetério dos Santos procurava contar toda a história do povo negro desde os tempos da antiguidade até a história do Brasil. Suas menções ao continente eram sempre de enaltecimento de seu povo. Para ele os egípcios, também negros, haviam sido os verdadeiros civilizadores da humanidade.

<sup>37</sup> Jessie e Du Bois publicaram na revista *The Crisis* diferentes artigos sobre diferentes temas relacionados ao continente africano. Du Bois foi a principal liderança na organização e realização do I Congresso Pan-Africano, ocorrido em 1919 na cidade de Paris. Jessie participou do II Congresso Pan-Africano - em 1921 - também realizado em Paris.



homens e mulheres, justificando a supremacia masculina. Os silêncios de Coema Hemetério e a fala ofuscada de Jessie Fauset são elementos a nos suscitarem reflexões acerca do modo como homens negros se posicionavam perante as relações de gênero.

Conversando entre si, essas trajetórias nos mostram que ao Norte e ao Sul a negação da cidadania, por meio da violência extrema ou não, foi diretamente confrontada. Na construção de caminhos que buscavam contornar os bloqueios que impediam o exercício dessa cidadania plena que não deveria considerar a cor das pessoas, prometida tanto pela democracia estadunidense quanto pela república brasileira, esses homens e mulheres empenhavam seus sonhos e vidas na garantia de um mundo melhor para todos. Um mundo sem linchamentos e segregação ao Norte, sem analfabetos e excluídos ao Sul e com melhores oportunidades econômicas em ambos os lugares. A possibilidade da existência de sociedades justas, harmônicas, pautadas na liberdade e onde todos pudessem viver em igualdade.

### Referências Bibliográficas

ABREU, Martha. *Da senzala ao palco: canções escravas e racismo nas Américas, 1870-1930*. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2017.

ALBERTO, Paulina. *Termos de inclusão: intelectuais negros brasileiros no século XX*. Tradução: Elizabeth de Avelar Solano Martins. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2017.

ALMEIDA, Sílvia Capanema e SILVA, Rogério Sousa. *Do (in) visível ao risível: o negro e a “raça nacional” na criação caricatural da Primeira República*. Estudos Históricos, vol. 26, nº 52.

BARBOSA, Marialva. *Os donos do Rio. Imprensa, Poder e Público*. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2000.

BRACKS Lean’Til L. & SMITH, Jessie Carney. *Black women of the Harlem Renaissance Era*. New York: Rowman & Littlefield, 2014.

BRASIL, Eric. *Carnavais Atlânticos: cidadania e cultura negra no pós-abolição*. Rio de Janeiro e Port-Of-Spain, Trinidad (1838-1920). 2016. 338 fl. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em História Social (UFF). Niterói, 2016.

BRITO, Luciana da Cruz. *A “liberdade” no Atlântico Sul: o olhar da imprensa estadunidense sobre o processo de abolição da escravidão no Brasil*. In: VIEIRA,



Vinícius Rodrigues & JOHNSON, Jacquelyn (Orgs.). *Retratos e Espelhos : Raça e Etnicidade no Brasil e nos Estados Unidos*. São Paulo : FEA/USP, 2009. 431 p.

BUTLER, Kim. *Defining Diaspora , Refining a Discourse*. Revista Diáspora, 10:2, 2001.

COURBOLD, Claire. *Becoming African Americans: Black Public Life in Harlem, 1919-1939*. Massachusetts: Harvard University Press, 2009.

DANTAS, Carolina Vianna. *Manoel da Motta Monteiro Lopes, um deputado negro na I República*. Programa Nacional de Apoio à Pesquisa FBN/Minc, 2008.

\_\_\_\_\_. *O Brasil café com leite: mestiçagem e identidade nacional em periódicos: Rio de Janeiro, 1903-1914*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2010.

DOMINGUES, Petrônio. *Movimento da negritude: uma breve reconstrução histórica*, p.03. Mediações – Revista de Ciências Sociais, Londrina, v. 10, n.1, p. 25-40, jan.-jun. 2005. Disponível: [www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/download/2137/2707](http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/download/2137/2707). Acesso em 23/08/2017, às 11hrs.

\_\_\_\_\_. *A “Vênus Negra”: Josephine Baker e a modernidade afro-atlântica*. Est. Hist., Rio de Janeiro, vol. 23, nº 45, pp. 95-124, janeiro-junho de 2010, p.113. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/eh/v23n45/a05v2345.pdf>. Acesso em: 01/09/2017, às 10h00minhrs.

FAUSET, Jessie Redmon. *Manifesto to the League of Nations*. Revista *The Crisis*, New York, vol.23, nº 01, novembro de 1921, pp. 18-19.

GILROY, Paul. *O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*. Tradução de Cid Knipel. 2ª Edição. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2012.

GUIMARÃES, Antonio Sergio Alfredo. *Intelectuais Negros e a modernidade no Brasil*, p.01,02. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/sociologia/asag/Intelectuais%20negros%20e%20modernidade%20no%20Brasil.pdf>. Acesso em: 01/09/2017, às 19h10minhrs.

MATTOS, Hebe Maria. *Escravidão e cidadania no Brasil monárquico*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

MÜLLER, Maria Lúcia Rodrigues. *A cor da escola – imagens da Primeira República*, p.92. Cuiabá, MT: Entrelinhas/EdUFMT, 2008.



SANTOS, Aderaldo Pereira. *Arma da educação: cultura política, cidadania e antirracismo nas experiências do professor Hemetério José dos Santos*. 2019. 429 f. Tese de Doutorado. Programa de Pós- Graduação em Educação (UFRJ). Rio de Janeiro, 2019.

SEIGEL, Micol. *Beyond Compare: Comparative Method after the Transnational Turn*. *Radical History Review*, v. 2005, n. 91, p. 62–90, 2005.

SILVA, Luara dos Santos. 2015. 152 f. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico-Raciais (PPRER/CEFET-RJ). Rio de Janeiro, 2015.

XAVIER, Giovana. *Branças de almas negras? : beleza, racialização e cosmética na imprensa negra pós-emancipação (EUA, 1890-1930)*. 2012. 464 f. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em História (Unicamp/SP). Campinas, 2012.

